

**Gravataí pode planejar e  
promover o  
desenvolvimento de  
Gravataí?**

**Ou:  
o que é desenvolvimento endógeno?**

# Os obstáculos a serem vencidos

- Uma das principais dificuldades para implantar um programa de desenvolvimento local (ou regional) é o fato de que parte da comunidade não acredita em sua competência técnica e/ou financeira para enfrentar e superar os “inúmeros obstáculos” com os quais se depara.
- Esta descrença deve ser enfrentada. Mas com muito respeito. Pois ela está assentada em algumas verdades que devem que ser o nosso ponto de partida. Quais sejam:

# O apelo do desenvolvimento EXÓGENO (1)

- Os recursos fiscais dos municípios e os recursos financeiros mobilizáveis pelos membros da comunidade são limitados. De sorte que **QUALQUER ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO EMBASADA EM GRANDES INVESTIMENTOS, SEJA EM NOVOS SETORES INDUSTRIAIS, SEJA EM GRANDES OBRAS DE INFRAESTRUTURA PRESSUPÕE A MOBILIZAÇÃO DE AGENTES EXÓGENOS (Governo Federal, Governo Estadual, Grandes Empresas, etc).**

## O apelo do desenvolvimento EXÓGENO (2)

- Os conhecimentos técnicos de uma dada comunidade são indissociáveis do que a comunidade FAZ. De sorte que **QUALQUER PROJETO DE DESENVOLVIMENTO QUE SE ASSENTA EM “REVOLUCIONAR A MATRIZ PRODUTIVA REGIONAL” PRESSUPÕE A IMPORTAÇÃO DE TECNOLOGIAS, DE PROFISSIONAIS E O PAGAMENTO DE ROYALTIES PARA AGENTES EXTERNOS. UM TAL PADRÃO DE DESENVOLVIMENTO NÃO É ENDÓGENO.**

# Particularismo & Setorialismo X Interesse Coletivo & Associativismo

- Existem pessoas mais altruístas e pessoas mais egoístas. Mas, como regra geral, é muito mais fácil mobilizar para uma ação coletiva quando cada um dos agentes sabe que obterá um benefício privado ao final. De sorte que **QUALQUER PROJETO DE DESENVOLVIMENTO QUE TRAGA BENEFÍCIOS IMEDIATOS APENAS PARA UMA MINORIA TERÁ MENOS CHANCE DE SER ABRAÇADO PELA COMUNIDADE DO QUE PROJETOS QUE MOBILIZAM O INTERESSE DE MUITOS.**

# O Trilema do Desenvolvimento Local Endógeno

Chamamos estes 3 “problemas” de “O TRILEMA DO DESENVOLVIMENTO LOCAL ENDÓGENO”.

A questão que se coloca é: como acelerar o desenvolvimento de um território sem revolucionar a matriz produtiva e, portanto:

- a) sem investimentos pesados e só financiáveis com recursos externos;
  - b) sem importação de tecnologias, empresas e mão-de-obra;
  - c) que mobilizem muitas pessoas comprometidas com os sistemas produtivos tradicionais e consolidados (quando não “estagnados”).
- Será que isto é possível? ... Como? .....

# O Papel das Cadeias Produtivas e de Serviços (1)

- Muitos economistas, administradores públicos e especialistas em planejamento vêm pensando neste problema há muito tempo. E eles chegaram a algumas conclusões importantes. A primeira e mais importante delas é que
- É TÃO MAIS FÁCIL ENCONTRARMOS AS CONDIÇÕES REQUERIDAS QUANTO MAIOR O NÚMERO E QUANTO MAIOR O GRAU DE ENCADEAMENTO NO TERRITÓRIO DE “CADEIAS PRODUTIVAS E DE SERVIÇOS”

# O Papel das Cadeias Produtivas e de Serviços (2)

- O QUE É UMA CADEIA PRODUTIVA? ... Uma cadeia produtiva é um conjunto de atividades ligadas entre si como elos de uma corrente. A produção de calçados é apenas um dos inúmeros elos de uma cadeia muito longa: a “indústria coureiro-calçadista”.
- Esta cadeia envolve desde a pecuária bovina e o processamento do couro até a venda do sapato no varejo. Entre os elos “couro” e “varejo”, há uma infinidade de elos intermediários, envolvendo a produção de saltos de madeira e borracha, de colas e adesivos, pregos e taxas, caixas de papelão e sacolas, bem como os mais diversos serviços de design, financiamento, comercialização, transporte, etc.

# O Papel das Cadeias Produtivas e de Serviços (3)

- Ora, todo o território conta, em seu interior, com atividades mais ou menos encadeadas. As atividades mais encadeadas no próprio território são, via de regra, aquelas nas quais o território apresenta maior grau de especialização. E **as atividades nas quais o território é mais especializado são, via de regra, aquelas nas quais ele apresenta maior competitividade e que correspondem às atividades onde são produzidos os bens e serviços que “a região exporta”.**

# A centralidade da “Exportação” (1)

- Sempre que há especialização regional num determinado (ou em vários) setor(es), a produção do(s) mesmo(s) volta-se primordialmente para o mercado “externo” à localidade.
- O que nos conduz à segunda “regra de ouro” do Desenvolvimento Endógeno: **o foco de qualquer projeto de desenvolvimento local endógeno é o fortalecimento, ampliação, alongamento e diversificação das atividades EXPORTADORAS.**

## A centralidade da “Exportação” (2)

- Já vimos que “produção para fora da região” é indissociável de especialização, divisão do trabalho, encadeamento, produtividade e competitividade. Esta é a “regra de Smith”.
- Mas esta é apenas uma parte do papel das exportações regionais. Paralelamente à “regra de Smith” está “a regra de Keynes”: **o crescimento econômico de um território é função da expansão da demanda autônoma.**

# A centralidade da “Exportação” (3)

Keynes divide as demandas que incidem sobre uma economia em dois tipos:

- 1) A demanda que se deriva da (que depende da, que é função da, que se segue à) renda recebida por parcela dos agentes do território. Esta é a demanda de consumo básico.
- 2) As demandas autônomas, que incidem sobre o território independentemente de qualquer renda auferida “anteriormente” por agentes regionais. **Estas são as demandas externas, definidas por agentes externos, que adquirem bens e serviços na região.**

# A centralidade da Exportação (4)

No plano local (município, pequenas regiões), só há dois tipos de demandas autônomas:

- 1) as transferências líquidas de impostos incidentes sobre os cidadãos locais do setor público externo (Governos Federal e Estadual), via pagamento de salários, bolsas, pensões, etc;
- 2) As aquisições de bens e serviços produzidos localmente por agentes públicos ou privados externos. Vale dizer: as EXPORTAÇÕES LOCAIS.

# A relação entre as demandas autônoma & derivada (1)

- Quando um funcionário público federal lotado em Uruguaiana recebe o seu salário e o despende adquirindo bens e serviços no comércio local ele dá origem a um processo de “multiplicação da renda”.
- Da mesma forma, quando um agricultor ou pecuarista (ou os elos a jusante da cadeia agropecuária: a cooperativa, a agroindústria, o atacadista) vende sua produção para agentes externos e, com a renda auferida, adquire bens e serviços no comércio local, é dada a “largada” de um outro processo de multiplicação

# A relação entre as demandas autônoma & derivada (2)

- O rendimento auferido pelo comerciante ou prestador de serviços vai gerar novos dispêndios. A parcela destes dispêndios que se volta para a aquisição de bens e serviços produzidos localmente, promove novos rendimentos e novos dispêndios. Este processo é conhecido como “multiplicação” da renda via consumo.
- Quanto maior a tendência dos agentes locais canalizarem o seu consumo para bens e serviços locais, maior o multiplicador interno e maior a renda final.

## A relação entre as demandas autônoma & derivada (3)

Mas o ponto de partida é sempre a demanda autônoma externa. Que, no plano regional, se reduz ao saldo líquido dos gastos do governo (SLGG) e ao valor agregado internamente à produção exportada (VAIX). Em termos algébricos:

- $Y_{\text{região}} = (1 / (1 - c + m)) \times (SLGG + VAIX)$
- Onde “c” é a propensão a consumir e “m” a propensão a importar

# Exportações, Cadeias Produtivas Regionais e Desenvolvimento Endógeno (1)

- Tanto a propensão a consumir, quanto a propensão a importar (que definem a magnitude do multiplicador), são parâmetros relativamente estáveis, determinados pela distribuição da propriedade e da renda e pelo acesso aos mercados externos. Existe espaço para interferência do setor público local sobre estes parâmetros, mas ele é limitado.
- Da mesma forma, o setor público local tem pouca ingerência sobre o SLGG. A luta pela atração de recursos, equipamentos e empreendimentos públicos federais e estaduais deve ser diuturna. Mas seu resultado não depende exclusivamente do poder local.

# Exportações, Cadeias Produtivas Regionais e Desenvolvimento Endógeno (2)

Por oposição, o valor agregado internamente à produção exportada (VAIX) pode e deve ser objeto privilegiado de atenção e ampliação pelos agentes públicos locais. Como?

- 1) Apoiando a internalização de “elos faltantes” nas cadeias de exportação;
- 2) Enfrentando gargalos e ampliando a competitividade das cadeias de exportação;
- 3) Diversificando a pauta de exportações através do aproveitamento de janelas de oportunidade de negócios que mobilizem os recursos locais ociosos ou que vêm sendo utilizados de forma sub-ótima.

# Riscos e Equívocos de Estratégias de (Pseudo)-Desenvolvimento Endógeno (1)

- 1) NEM TODOS OS ELOS SÃO INTERNALIZÁVEIS. Algumas cadeias são estruturalmente “curtas” no plano regional. O caso do fumo. O caso do arroz.
- 2) NEM TODO O CONSUMO É “DERIVADO”. A questão do “Turismo”. A cidade como pólo de serviços.
- 3) CADA REGIÃO É ÚNICA E DIFERENCIADA. NEM TODA A CADEIA É “PRODUTIVA”. NEM TODA A EXPORTAÇÃO É DE “COMMODITIES”. Os sistemas de serviços e as cadeias “logísticas”.

# Riscos e Equívocos de Estratégias de (Pseudo)-Desenvolvimento Endógeno (1)

- 4) NEM TODAS AS “JANELAS DE OPORTUNIDADE” SE ABREM PARA A REGIÃO. Os “pólos tecnológicos”, distritos industriais e que tais.
- 5) MAS HÁ JANELAS QUE, DE FATO, SE ABREM. E QUE SE FECHAM RAPIDAMENTE. O caso da maçã em Vacaria.